

Couto de Ervededo — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

A duas legoas de Chaves, para a parte do norte, está a villa de Ervededo confinando com o reino da Galliza. Era d'antes um dos logares fortificados da fronteira de Traz-os-Montes, com um castello de fabrica antiga, onde hoje se vêem os edificios que a nossa gravura representa.

Como esta villa formava um dos coutos de Portugal, justo é que digâmos, para instrucção dos que menos conhecem os usos e costumes antigos do reino, o que isto significava.

Comecemos pelo que nos diz a Ordenação do Reino, em grande parte ainda vigente. No preambulo do tit. 104 lemos o seguinte:

«Por se evitarem os damnos que se seguiam de os naturaes d'estes reinos andarem homiziados n'elles ou fóra d'elles; e por se povoarem os logares dos extremos, foram por os reis nossos antecessores alguns logares feitos coutos e privilegiados, segundo em seus privilegios se contém. Por tanto havemos por bem, que todos os homiziados, de quaesquèr maleficios que forem, tirando os que abaixo são declarados, possam seguramente ir povoar e morar a cada um dos ditos logares e coutos ordenados e privilegiados: com tanto que morem dentro no logar do couto, ou seus arrabaldes, e não nos termos dos taes coutos, para n'elles não serem presos. E quando assim forem, se apresentarão logo aos juizes dos coutos, aos quaes mandâmos, que cada um em seu julgado faça fazer um livro em que se escrevam, pelo escrivão para isso ordenado, todos os homiziados que ahi forem morar, e o dia em que a elle chegarem; e saberá cada juiz se vivem ahi, e fazem visinhança pelos tempos que devem; os quaes homiziados não andarão pelo reino mais que dois mezes no anno, para o que os juizes dos coutos lhes darão licença por suas cartas, para que possam ir e andar seguros por nossos reinos, para arrecadarem seus bens e outras cousas que lhes cumprirem; os quaes dois mezes lhes não darão, sem primeiro morarem nos coutos seis mezes do primeiro anno que se n'elles assentarem. E acabado o primeiro anno, nos outros annos lhes darão em cada um dois mezes, em qualquer parte do anno que lh'os pedirem: com tanto que tenham suas casas de morada no couto ou arrabaldes. Porém, quando o caso por que se algum for assentar no couto for tal, que provado merecia a morte, não lhes darão a primeira licença dos dois mezes, senão passado um anno depois de morar no couto.»

Segue-se depois a enumeração dos crimes em que não vale o couto.

Agora remontemos á origem d'estes refugios, ou valhacoitos, que se davam aos criminosos.

Os povos do norte, ascendentes dos que no seculo v vieram estabelecer-se nas terras do meio-dia, tinham por costume ficar o matador em guerra com a familia e parentes do morto.» Tacito diz d'elles: «Era coisa necessaria entre estes povos entrar nas inimizades assim do pae como dos parentes, do mesmo modo que nas suas amizades.» E Paterculo acrescenta: «Que os allemães se admiraram muito vendo que a jurisprudencia romana vingava pela justiça as injurias que as armas disputavam.»

Os povos da edade media, originarios d'estes, conservaram o mesmo costume.

A nossa legislação auctorisou por muito tempo o direito das inimizades, ao qual se referem, não poucas vezes, os antigos foraes, e as cartas de inimizade de que falla a Ord. L. I, tit. 3, § 5 e 6.

O foral de villa de Touro diz: «*Si homo de qualis terra venerit cum inimicitia, aut cum pignore, postquam in termino de Tauro intraverit, si inimicus ejus post ipsum introierit, et ei pignus abstulerit, aut aliquod ei malum fecerit, pectet Domino etc.* Quer dizer: «Se algum homem de qualquer terra vier com inimizade, ou fugir a sêr penhorado, e entrar na villa de Touro, vindo seu inimigo após elle, e lhe tirar o penhor, ou fizer algum mal, pagará ao senhor da terra etc.» Pelo que, as terras que tinham privilegio para defender os criminosos de seus inimigos, propriamente se chamavam *coutos*.

Estes coutos, ou se faziam pelos senhores das terras quando lhes davam os foraes, ou pelo rei. Do primeiro uso temos exemplo no foral que acabâmos de citar; do segundo, que foi o que prevaleceu, apontaremos alguns exemplos dos primeiros reinados. D. Affonso Henriques deu uma terra para couto a Paio Peres, por este se obrigar a servil-o por tres annos, na escriptura mencionada por fr. Luiz de Sousa, Chr. de S. Dom. L. XVI, cap. I. D. Sancho I, na doação que fez da Albergaria de Maçans a D. Martim Fernandes, em 1180, diz: «Tambem vos coutâmos a sobredita Albergaria, pelos sobreditos termos, e por aquelles coutos que por nosso mandado erigiu D. Gomes.»

O correr dos tempos mostrou que os coutos, embora tivessem por fim povoar os logares incultos e agrestes, não eram uteis ao estado; pelo que os povos (que de ordinario são os que melhor conhecem, e primeiro avaliam as suas necessidades) requereram nas cortes de Santarem de 1369, que se não permittisse mais a creação de novos coutos, e assim se determinou. Na Ordenação Affonsina, Liv. V, tit. 50, que é o 104 já citado das Filippinas, se prohibe aos prelados e fidalgos acoutarem os malfeitores em seus coutos, bairros ou honras. E no anno de 1692 todos os coutos, ainda os mais especiaes, foram abolidos.

Os coutos não tinham todos a mesma natureza, nem valiam para os mesmos crimes. O de Alcobaça, que D. João III mudou para Alfeigirão, valia para todos os crimes, excepto heresia, traição, aleive, morte de proposito, etc. O de Arrayolos, que foi descoutado em 1544, valia tambem para os endividados.

Além d'estes casos, pela Ordenação Filippina, liv. 4, tit. 123, § 9, que é o 4 do tit. 52 do mesmo livro da Ord. Manuelina, não valia tambem o couto aos que falsavam escripturas publicas, os signaes do rei ou dos seus officiaes; aos que furtavam mulheres a seus maridos, e as tinham comsigo nos coutos; aos que tinham ferido algum official de justiça, ou resistido aos seus mandados; e em todos os casos onde a egreja não valia de asylo, excepto se a egreja não defendia o malfeitor por não caber n'elle pena de sangue.

Por ultimo toda a legislação que havia sobre os coutos, e a respeito dos casos em que elles deviam valer, se continha no citado tit. 123 do liv. 5, abrogada inteiramente pela Carta Constitucional.

Os que desejarem ter mais ampla noticia d'esta antiga jurisprudencia criminal, podem recorrer ao t. I das *Memorias da litteratura portugueza*, da academia real das sciencias de Lisboa, pag. 98; e ao t. II pag. 171 das mesmas *Memorias*, onde excellentemente vem historiada e commentada. D'ellas extraimos o que se acabou de ler.

Tal é, pois, a origem da denominação de *couto* que ainda conservam muitas villas e terras de Portugal, como a de Ervededo, cuja vista representa a nossa gravura.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 28)

Subiu Angela com a cêa ao cubiculo de Peralta, com sua demão na cara, toalhinha e coifa lavada, e tão donairosa, que a quem fosse menos sisudo que Peralta estava-lhe dizendo, casae-me, casae-me.

— Aqui tem vocemecê a cêa e a mim para o servir.

Assim fallou Angela, pondo a mesa; e perguntando-lhe pelo companheiro, Peralta respondeu, que era ido fóra, que se recolhesse ella, e deixasse a cêa.

Ida ella, fechou [illegible] a porta do quarto, e depois de cear, deitou-se a dormir.

Desvelado passou Peralta a noite, considerando o perigo em que andava com tal companheiro, com os laços que lhe armava para cair n'elles; e assim pedia de todo o coração a Deus lhe deparasse meio para poder deixar tal companhia.

Amanheceu, e acordando de um breve somno viu que o fradinho, muito melancolico, estava sentado á sua cabeceira. Ainda que Peralta attribuiu a tristeza ao sentimento de não ter caído na tentação da formosura de Angela, dissimulando o que elle conjecturava lhe disse:

— Que tendes, companheiro, que tão triste vos vejo? Devia não vos succeder bem com a freira a quem fostes fallar!

— É verdade (respondeu o diabinho), porque apparecendo eu, foram tantos os *verbums carus*, os signaes da cruz, e os gritos articulando o sagrado nome a que eu não posso resistir, que subitamente desappareci, enchendo-se a casa das religiosas que estavam de vigia. Fugi, e ella ficou prostrada com um mortal desmaio do assombramento.

— Esse fructo, tornou Peralta, tiram os ignorantes, que cegos do seu appetite, se lhes mette em cabeça que hão de vir fallar-lhes as almas passadas d'esta vida. Como o dia está formoso, eu me visto á pressa para darmos uma volta pela cidade, e depois iremos dormir a Montemór.

— Seja em boa hora, respondeu o diabinho.

Peralta vestiu-se, almoçou, tomou o seu alforge, pagou a pousada, e saiu com o diabolico fradinho.

Chegaram á praça, e ouvindo Peralta tocar á missa na egreja de Santo Antonio, disse a seu endiabrado companheiro que o esperasse á fonte que elle voltava logo.

— Faze o que quizeres, respondeu o diabinho, que não pretendo em nada encontrar o teu gosto, para que não cuides que não sou teu amigo, pois o que meu for á mão me ha de vir.

Entrou Peralta no templo a ouvir missa, e o diabinho ficou-o esperando na fonte, onde foram tantas as zizanias que arguiu entre todas as pessoas, que poucas chegaram a tomar agua, mas não ficou nenhuma que não andasse ás bofetadas, e quebrasse os potes sobre qual havia encher primeiro, porque não póde haver paz onde o demonio assiste.

Saiu Peralta da egreja, e juntando-se com o diabinho foram para diante, ao tempo em que se encontraram com um alcaide e seu escrivão, que levavam um homem preso, o qual se ia queixando que o prendiam pelo que não devia, pois já tinha pago, sendo um pobre hortelão velho e com filhos. A isto respondeu a parte que com elles vinha, que ainda lhe devia, mas não queria pagar. Lastimado Peralta de ouvir o preso, chegou-se ao alcaide e pediu-lhe que em verdade lhe quizesse dizer a quantia por que aquelle homem ia preso. Respondeu o alcaide, que por dois mil réis e cinco tostões da diligencia. Se não é mais que por isso, disse Peralta, solte-o vossa mercê que

eu lhe dou já o dinheiro. Ao que acudiu o diabinho:

— Não faças tal!

Peralta, indignado, lhe perguntou:

— Não me déste tu palavra de que não havias de impedir as boas obras que eu quizesse fazer?

— Sim, dei, replicou o diabinho, mas esta será sem tu gastares dinheiro, o que eu quero fazer por amor de ti. E virando-se para a parte lhe disse: Não sei, senhor, como tendes tão pouca consciencia, que façaes prender este pobre homem pelo que vos tem pago!

Teimou a parte que tal não havia, e o diabinho proseguiu:

— Não vos lembra que tal dia vos deu dezeseis tostões, uma pataca, e quatro vintens, o que tudo faz dois mil réis que vos devia, e vós lhe déstes, por signal nas costas de uma carta, quitação d'elles? Pois se isto é assim, como quereis agora, por este pobre homem perder a quitação que eu achei, demandal-o pela divida?

Como os signaes que o diabinho dava eram certos, não soube o credor outra resposta que dar mais que dizer:

— Senhores, se tal é levem-me todos os diabos!

Ao ouvir esta jura, o fradinho, muito contente, respondeu-lhe que a seu tempo lhe pediria cumprimento d'aquella palavra, e rogou ao alcaide quizesse esperar um pouco, que elle n'um instante ia buscar a quitação, e que no entanto alli ficava seu companheiro. Conveiu o alcaide na espera, e Peralta bem entendeu que o lanço d'aquella boa obra do fradinho, fôra só dirigido á tentação em que o credor tinha caído, dando-se falsamente a todos os diabos. Tanto que o diabinho saíu para buscar a quitação, o credor, reconhecendo serem verdadeiros os signaes, por não ficar convencida a sua maldade com a vista do recibo, disse ao alcaide que soltasse o preso, que elle não queria já nada d'elle. Justo é, moiro, disse o escrivão, que o que não podes haver dês por tua alma. E para que não deixasse de escrever, proseguiu, que aquella desistencia tinha de se fazer por termo, que elle credor havia de assignar. Este respondeu que estava pelos autos. Feita a diligencia, pediram os officiaes a Peralta os seus emolumentos, mas este lhes observou que a graça que suas mercês lhe tinham feito em deter tão injusta execução pagaria elle, mas que a diligencia pagasse a parte em castigo de pedir o que se lhe não devia, como se faria certo pela quitação que seu companheiro tinha ido buscar.

Não soou isto mal aos officiaes da diligencia, que logo disseram ao credor, por levarem dinheiro a ambas as partes:

— Este fidalgo tem muita razão, vossa mercê pague e vá-se embora, porque se chegar a quitação havemos de levar a vossa mercê com ella diante do juiz, e ha de ser condemnado no dobro do que pedia sem se lhe dever.

A isto respondeu o credor:

— Ainda que a quitação seja falsa, comtudo não me quero sujeitar a esse ameaço.

Chamou de parte os officiaes, untou o carro, andaram as rodas, e foi-se embora.

Depois d'isto deu Peralta aos dois esbirros um cruzado para beber, com o que tambem se despediram muito contentes, ficando o preso com Peralta, dando-lhe os devidos agradecimentos do bem que lhe fizera.

N'este tempo chegou o diabinho com a quitação, e mostrou sentir muito ter-se ausentado o credor e a justiça, porque determinava fazer no negocio uma embrulhada das suas, que nunca o diabo faz bem sem esperança de haver mal; e assim o deve entender todo o fiel christão para se não fiar de seus enganos. O pobre preso, desejoso de gratificar o beneficio, pediu muito a ambos os companheiros quizessem ir a casa d'elle almoçar uma franga que sua mulher tinha engordado; mas Peralta e o diabinho lhe agradeceram a boa vontade, recusando a offerta, despedindo-se o preso com infinitas graças pelo bem que lhe fizeram, e que attribuia a particular mercê do ceo.

Acabada esta historia do preso viu Peralta sair de Santo Antão quatro beatas com suas toalhas largas, rosarios nas mãos, as caras feias, macilentas e fracas, com os olhos pregados no chão, passando praça de grandes devotas. Edificado da modestia que ostentavam, perguntou Peralta ao diabinho quem eram aquellas santas. Respondeu-lhe elle:

Que eram as quatro bruxas que vira entrar pela janella do aposento onde pernoitára, e que com aquella apparencia de virtude enganavam o mundo e desmentiam suas maldades.

Admirado Peralta de tal ouvir, quizera ir logo dar conta ao santo officio, porém, temendo o diabinho, reservou-se para melhor occasião.

Eram já partidos de Evora para Montemór, quando o diabinho viu n'uma casa estarem jogando os dados. Por fazer das suas, disse a Peralta, que pois era soldado, entrasse a fazer quatro paradas, que poderia ser ganhasse para ajuda dos gastos do caminho. Peralta escusava-se, dizendo que era tarde para se deterem mais, porém o diabinho replicou que não era. Para o não desgostar, entrou Peralta na casa do jogo, onde a todas as paradas que fez lhe lançaram azares, e as que lhe fizeram sortes; no que parecia que o mesmo diabinho invisivel lançava os dados. Os que perdiam davam ao diabo as mãos com que lançavam os azares, jurando e blasfemando, e o fradinho regalando-se de ouvil-os. Peralta fazendo escrupulo de ganhar com tanta vantagem, e de ser causa de ouvir tantos juramentos, entendendo que o diabinho só para os motivar lhe fazia ganhar, se contentou com seis moedas, e dando barato a todos os mirones saíu pela porta fóra.

Continuando seu caminho, se achou Peralta com o companheiro no rocio de Montemór, onde tomaram pousada aquella noite. Depois de Peralta cear e deitar-se na cama, começou o diabinho a fazer das suas, arguindo taes differenças entre o estalajadeiro e a sua Eva, que se fundia a casa! O motivo foi dizer o estalajadeiro á mulher, que fizera as postas de carne muito grandes, e que medíra o vinho sem o rebaptisar, ao que ella respondia em segredo:

— Pois, traidor, não bastava que a carne de que fiz as postas, não fosse de carneiro ou bode, nem vacca, nem porco, cabra ou ovelha, e que te não custasse nenhum dinheiro, senão que ainda as havia de fazer menos da marca? Era já feito o vinho christão para que eu o não baptisasse!

— Pois, infame, respondia o marido, se havias de ser tão escrupulosa, melhor era fazeres-te ermitôa, e não estalajadeira.

Sobre esta disputa ouviram-se differentes razões, em que pelejando as comadres se descobrem as verdades, até que bradou a mulher *aqui d'el-rei!* Se não acudissem os hospedes a aplacar o negocio, sem duvida a estalajadeira, que era teimosa, pagára os seus escrupulos com a vida, porque o diabinho tinha de tal maneira enfuriado o marido, que não reparava já em dar cabo d'ella.

O fradinho não se contentou só com esta revolta, porque, sendo já passada grande parte da noite, estando todos a resonar, foi á estrebaria, e inquietou de tal sorte as cavalgaduras, que se desfaziam todas em coices, com tal estrondo que parecia virem as casas abaixo. Acudiram os almocreves, cada qual ás suas, dizendo uns que as cavalgaduras dos outros tinham a culpa por se haverem soltado e irem comer a cevada das outras, por isso os donos as deixavam mal presas; outros com grandes juramentos negando

o facto, e attribuindo-o aos que lh'o imputavam. Foi tal o barulho, que se houveram de matar todos ás facadas, se o estalajadeiro, gritando *aqui d'el-rei*, não fizera acudir a justiça que andava de ronda, e os metteu em paz.

Socegado este arruido, que Peralta ouviu por estar acordado, mas a que não acudiu, como soldado, por entender que era obra de seu endiabrado companheiro, subiu o fradinho ao aposento do militar e disse-lhe:

— Veste-te, companheiro, á pressa, e vamo-nos d'aqui, que esta gente está de má catadura; não te succeda com ella alguma coisa.

Vestiu-se Peralta, e querendo perguntar pelo estalajadeiro, para pagar a pousada, lhe disse o diabinho que não fizesse tal, porque era o maior pirata do mundo, e como quem furta a ladrão ganha cem annos de perdão, se fossem logo sem pagar, que elle abriria a porta secretamente, e saíram sem os presentirem.

Obedeceu Peralta, inda que contra sua vontade, e foram-se embora.

Quando a manhã rompia tinham já passado o rio de Montemór; e como Peralta vinha falto de somno, pelo haver perdido com a inquietação d'aquella noite, pediu ao diabinho o deixasse repousar um bocado ao som da corrente de tão manso rio, no que elle veiu de boa vontade. Em quanto Peralta dormiu um breve somno, deu o fradinho volta por alguns moinhos induzindo os moleiros á que duplicassem as maquias. Era já mais de uma hora de sol, quando acordou Peralta. Vendo junto de si o endiabrado familiar, lhe perguntou:

— Que formoso rio é este, tão cerrado de arvores e pomares?

O diabinho respondeu:

— Ora já que tão bem te parece, quero-te mostrar n'elle, como n'um espelho, o mais famoso edificio que nunca viste, nem has de ver em tua vida desde o norte até ao sul; porque com sua grandeza não póde competir a da machina que causou a confusão das linguas. As pyramides do Egypto, o colosso de Rhodes, o artificio de Corintho, foram imperfeitas sombras da sua maravilhosa architectura; porque as columnas são de alabastro, os frisos e capiteis de finissimo jaspe, as pyramides de diamante, e as portas de cheiroso cedro chapeadas de oiro. Divide-se em sete quartos, com uma só porta, por onde se entra n'um espaçoso pateo, para o qual tem serventia todos os sete quartos, cujas paredes possuem a virtude de deixarem ver tudo o que ha dentro n'elles.

E quem foi o edificador de tal palacio? — perguntou Peralta.

Respondeu o diabinho, que o maior principe das trevas, senhor de infinitas riquezas, porque só elle podéra dar fim a tão custosa obra, para a gozarem os que o seguem, e elle com generosidade suborna e lisonjeia. Como sei que te has de admirar de ver tal edificio, não te quero dilatar o gosto.

Folgarei muito, tornou Peralta; e o diabinho proseguiu:

— Pois então lança os olhos nas aguas d'esse pégo.

Assim o fez Peralta, e logo n'ellas se lhe representou que via um sumptuosissimo palacio, cuja fachada de marmores e jaspes podia ser a oitava maravilha do mundo. Pelo que disse ao diabinho:

— Com muita razão me encareceste a architectura de tão soberano edificio. Mas que palacio é este?

— Não divisas, respondeu o diabinho, umas letras de oiro que estão por cima do friso do portal?

— Sim, diviso, tornou Peralta.

— Pois ellas t'o dirão, replicou o diabinho.

Então leu Peralta o seguinte:

Fabricar o rei do averno
Mandou estes edificios,
Para morada dos vicios,
Noviciado do inferno.

— Das palavras d'aquelle epigramma, disse o diabinho, podes inferir para que serve ao senhor Lucifer tão sumptuoso palacio, e para melhor perceberes, attende ao que n'elle se te váe representando.

Peralta, applicando os olhos, viu que pela famosa porta entrava, para um espaçoso pateo, infinito numero de gentes de todo o genero e estado, e que alli se dividiam para tomar por differentes portas de varios quartos do mesmo edificio.

No primeiro quarto que ficava á mão direita, observou que estavam alguns sujeitos dando em seus semblantes espiritos de vida, e com tanta arrogancia, que por decoro do logar em que estavam, se não matavam uns aos outros sobre a preferencia da entrada. Depois de accommodados, se representou a Peralta que pararam em um aposento ricamente adereçado, no meio do qual estava um throno de vidro, e sobre elle uma dama custosamente vestida, com azas nos hombros, coroa na cabeça, e a seus pés, ajoelhada, uma formosa donzella pobremente enroupada, a quem a enthronisada visivelmente desprezava, lançando-a de si com grande ira, por mais que a donzella, humilhada, lhe pedia que tal não fizesse. A Soberba, que era ella em pessoa, surda a taes rogos, dizia:

Não me venhas fazer guerra.
De ti á minha presença,
Ha tão grande differença
Como do ceo para a terra.
Por te fugir sollicito
As azas de que me esmalto,
Com que talvez de mais alto
Me despenho e precipito.

A estas razões, replicava com grande submissão a mal vestida belleza;

Vou-me; pois que nada val
Meu rogo. Mas ai de ti!
Que em te apartares de mim
Deixas teu bem por teu mal.
E assim te aviso e digo,
Que o teu throno de cristal,
De pedra terá fatal,
Feito em pedaços, castigo.
As azas com que te ensaias
A allumbrar teu presumir,
Servem só de te subir
Onde de mais alto cáias!

Com isto despejou o aposento a dama tão formosa como humildemente vestida, e a enthronisada se occupou em fazer grandes caricias a seus sequazes, e em lhes mandar repartir custosos e soberanos gasalhados, todos dignos da sua altiveza.

Peralta estava confundissimo, sem saber dar sentido ao enigmatico d'aquella representação. Por se livrar d'esta duvida, pediu ao diabinho lh'a declarasse, o qual lhe respondeu:

Que a dama que estava sobre o throno de vidro era a Soberba, primeiro peccado dos sete mortaes, e o que maior quinhão trazia ao noviciado do inferno; as azas que tinha nos hombros pegadas com cera, a que ella fiava o vôo da sua altiva presumpção, eram as que, derretidas, a despenhavam do auge da maior altura a que aspirava; e por este respeito estava collocada sobre aquelle throno cristallino, exposto a qualquer golpe. A pobre e formosa donzella que lhe estava rogando não a lançasse de si, era a humildade, sua antipoda; que o numero dos arrogantes que a buscavam, era o dos seus soberbos sequazes, que por intervenção d'ella vinham acabar ao noviciado do inferno, onde haviam de professar para sempre, enganados das delicias que no dito noviciado se lhes offereciam, porque n'elle não costuma Lucifer atormen-

tar com privações, senão lisonjear com regalos, ao contrario dos santos noviciados, onde com ellas se examina e clarifica a virtude, merecedora da divina profissão.

— Ora digo-vos, respondeu Peralta, que bem parece não perdestes com a graça a sciencia de anjo; pois tão artificiosamente sabeis manifestar as coisas do mundo. Agora admiro eu a propriedade das figuras, e entendo o equivoco dos epigrammas que ellas trazem; mas tambem me desconsola muito o desacerto de tão cega e enganada gente.

Por diante quizera ir Peralta n'este discurso, se lhe não roubára o sentido a vista de outra representação de gente que entrava pela porta do segundo quarto, muito recatada e com o olho sobre o hombro, vigiando se vinha alguem pedir-lhe alguma coisa, porque dos pobres que os vinham seguindo a pedir esmola, não faziam caso, e por se livrarem d'elles, entravam depressa e fechavam a porta; mas por um corredor descoberto, viu Peralta que paravam n'uma quadra ricamente atapetada, e fornida de inestimaveis peças, havendo aos cantos da mesma quadra muitos saccos de dinheiro, em oiro e prata, por ser alli o infernal erario de tão maldita gente. No meio do aposento estava um throno guarnecido de perolas e pedras preciosas, e sobre elle uma dama mais custosamente vestida que formosa, com mais olhos que Argos, vigiando as riquezas da sala, cujas chaves só fiava de si propria, pelo que umas tinha nas mãos muito apertadas, e outras trazia á cintura, pendentes de um cordão de seda e oiro.

Esta dama fazia grandes mesuras aos que vinham



Estalagem do Barroso — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

entrando a reverencial-a, e a empregar-se na gostosa contemplação d'aquellas riquezas, advertindo-lhe que os gostos seriam muito limitados,

> Porque a liberalidade
> No gastar e dispender,
> Só póde vir a fazer
> Nescia prodigalidade;
> E assim, imprudente é mal
> O gastar-se sem medida,
> Que ás vezes sobeja a vida
> E fallece o cabedal.

Muito contentes, com a referida advertencia, se agasalharam todos; mas Peralta não acabava de atinar que gente fosse aquella, por mais que discorria. Perguntou-o a seu companheiro, o qual lhe respondeu:

Que os que tinham entrado eram os avarentos, que idolatravam o dinheiro e as riquezas que possuiam, sem d'ellas dar um real aos pobres, nem fazer bem aos seus similhantes, e que pelo caminho da inhumanidade de tal vicio, vinham fazer noviciado para o inferno, ignorando o gasalhado que n'elle fizeram ao rico avarento, e a todos quantos o imitaram; que se elles o soubessem, não deixariam entrar por um ouvido e sair pelo outro as advertencias que no mundo se lhes faziam, nem viriam tão apressados e contentes a idolatrar quem os enganava, que era a senhora da casa, a Avareza, segundo peccado dos sete capitaes.

— Agora digo, replicou Peralta, que és meu amigo, pois com tanta evidencia me estás representando os perigos de que me devo guardar, e nos quaes tanta e tão cega gente cae.

— Não estejas tão confiado, disse o diabinho, *que alfin se canta la gloria*, e attende á terceira visão que se te representa no terceiro quarto.

Viu logo Peralta que entravam por elle, com muita furia e aos empuxões, grande numero de mancebos,

e alguns velhos, a quem estava defendendo a entrada uma formosissima dama dizendo-lhes:

> Doidos! porque em mim deixaes
> O bem que o ceo vos ordena,
> E ides buscar vossa pena
> Na vil gloria que buscaes?

Mas elles sem temor nem respeito á divina belleza, por se livrarem de suas instancias, entravam mais depressa, e por entre os moços iam os velhos seu molle molle e como podiam, saindo outros mui fracos, pallidos, macilentos e descórados. Seguindo Peralta os olhos para os que tinham entrado, viu que paravam em uma sala bem adereçada, cuja porta estava aberta, e ahi sentada uma dama que servia de porteira, de braços cruzados, sem fallar palavra, nem dizer nada a ninguem, por mais gente que entrasse e a cortejasse.

Na mesma quadra viu Peralta que estava sobre um throno alcatifado e semeado de flores, outra dama mais engraçada que formosa, tão decotada, e de sáia tão curta, que não era necessario bruxolear para se lhe verem os listões dos sapatos. Esta era a senhora da casa, a quem todos os que entravam faziam grandes submissões, e ella os recebia com benevolencia, mandando-lhes dar deliciosos agasalhos, e em especial aos velhos gaiteiros, a quem dizia:

> Vós outros, que n'esta edade
> Me buscaes, muito vos devo;
> E bem é que em minha graça
> Tenhaes o logar primeiro.

Ditas estas palavras, reparou que com os mancebos se iam accommodando os velhos, que eram alguns sujeitos dos que por não parecel-o convertiam em azeviche, com tintas artificiaes, a neve de seus cabellos, desmentindo os annos de edade, aos quaes chamando a dama do throno, lhes disse assim:

— Senhores velhos gaiteiros, desoccupem vossas mercês já estes quartos, porque não quero n'elles fruta que pareça verde sendo madura. A que admitto aqui de similhante genero, é só a que na apparencia manifesta sem mentira o que d'ella se póde esperar. Podem vocemecês passar-se ao quarto do engano, que lá acharão gasalhado essas desmentidas cãs.

Responderam os velhos:

— Não procederam ellas de larga edade, mas sim de trabalhos e amofinações que tanto custam.

— Não me metto em averiguar essa questão, tornou a dona da casa, que para serem d'aqui expulsos basta o crime da transfiguração. Se não fôra isso eu lhes dera logar entre os velhos que admitto, e não o que vocemecês queriam tomar entre os mancebos. Soffram-me pois que lhes diga:

> Que da auctoridade zomba
> E de si mesmo escarnece,
> Todo o corvo que amanhece
> Tendo anoitecido pomba.
> Que se tão nescios enganos
> Não reedificam o ser.
> De que proveito é fazer
> Parecer menos os annos?

Com esta resolução se foram saindo da quadra os despedidos jarretas.

(Continúa)

BARROSO

Além do importante estudo pecuario de Barroso, feito pelo sr. Lima, distincto professor do instituto agricola, de que démos conta a pag. 21 do numero 3, temos tambem uma boa memoria descriptiva d'aquelle paiz, feita pelo dr. Manuel Antonio de Moraes Mendonça, sumida no vol. III do *Jornal de Coimbra*, anno 1813, hoje mui raro.

D'essa quasi desconhecida memoria faremos alguns extractos para elucidação da nossa estampa.

O concelho de Montalegre tambem é conhecido por terra de Barroso. Já no tempo dos reis D. Diniz, D. Affonso IV e D. Manuel, que deram foraes á villa de Montalegre, o concelho era denominado terra de Barroso. Está situado na provincia de Traz-os-Montes a 41 $^1/_3$ graus de latitude, e a 10 de longitude. Confina com o reino de Galliza pelo lado do norte, pelo nascente com o concelho de Chaves, e pelo sul e poente com o de Ruivães na provincia de Entre Douro e Minho. Em Montalegre havia d'antes uma bem construida fortificação, hoje arruinada. Não ha memoria authentica d'esta fortaleza; mas consta que fôra reformada no reinado de D. Affonso IV, como se vê de uma inscripção que ainda subsiste n'uma das suas torres, por este modo: *R. ALT. 4.° an.* 1331. E outra do tempo dos Filippes, que diz: *Reformou o L.do Manoel Antunes. de Viana. Año* 1580.

Tem o concelho, na sua maior largura, 6 legoas e meia, principiando a meio da serra do Pindo, onde finda o concelho de Chaves, até á ponte de Mirazella, e logar de Villa-nova de Cidros, onde parte com o concelho de Ruivães na direcção de nascente a poente. De comprimento tem Barroso, no maximo, quasi 7 legoas, principiando no alto da serra da Toninha, que divide o concelho do de Cabeceiras de Basto, até aos confins da raia de Galliza na direcção de N. a S.

É atravessado todo este paiz pelas altas montanhas de S. Domingos de Morgade, e pela das Alturas, que formando successivos escalões, vão descendo pelo lado do occidente até Ruivães e faldas da notavel serrania do Gerez, e pelo lado oriental até aos ferteis campos de Chaves, e toda a margem do rio Tamega até ao concelho de Ribeira de Pina. Por entre estas montanhas ha vistosos campos, grandes prados, e muita agua dos regatos que dão ser a varios rios.

O mais notavel é o Cávado, que nasce nas faldas da serra de Larouco, e divide Barroso da Galliza por aquelle ponto; engrossa com os pequenos riachos que nascem nos montes e valles superiores e lateraes ao mesmo rio, e correndo na direcção de N. E. a S. O. passa proximo a Montalegre, banhando parte do concelho até entrar na provincia do Minho e desembocar no Oceano, entre Esposende e villa do Conde.

O Beça tem o segundo logar entre os rios que banham o territorio de Barroso; nasce dentro do concelho, entre as povoações de Pedrorio e Sarraquinhos, e, juntando-se-lhe varios ribeiros, atravessa parte do concelho na direcção de N. a S. até desembocar no concelho de Cabeceiras de Basto.

O rio Terra [1] banha todo o valle d'este nome, trazendo a sua origem acima do logar de Ardãos, termo de Chaves, desembocando tambem no Tamega.

O rio da villa da Ponte tambem é um dos que fertilisam parte de Barroso; tem origem acima do logar de Negões; e descrevendo um quasi semicirculo, vae desembocar no rio Cávado, abaixo da ponte de Mizarella.

Todos estes rios abundam em famosos peixes, como escalos, bogas, enguias, e sobre tudo em trutas. Tem alli apparecido algumas que excedem a 4 kilogrammas.

O alto-Barroso estende-se por todos os logares e terrenos superiores ao baixo-Barroso; os seus limites podem-se marcar d'este modo: pela parte do norte na serra de Pitões, onde começa a do Gerez, e na de Larouco, situada a esnoroeste; pela parte do nascente nas serras do Pindo, Nogueira, Leirando, Boticas e Seixa; pelo lado do sul e poente no alto da serra de Toninha e Nogueira até ao logar de Paradella e serra

[1] Terva se imprimiu a pag. 3 do numero 21, por erro.

da Ponteira, ficando interpoladas no meio de todas estas, as serras de Barreiros, Avellar, S. Domingos de Morgade, e Alturas de Barroso, assim chamadas porque ficam no logar mais elevado d'este paiz.

Todo o alto-Barroso, que na direcção de N. a S. tem 7 legoas de comprido, e na de Or. a Occ. 3 a 4 de largura, é sujeito a um frio violento, e o inverno ahi tão continuado, que as geadas começam no principio de outubro, augmentando gradualmente, e só diminuem no mez de maio; os regatos gelam nos tres mezes do inverno, e n'este tempo as neves chegam a impedir o transito dos habitantes, que por muitos dias ficam privados de ver a face da terra. O frio chega algumas vezes a 3 graus abaixo de zero. Estes rigores, com quanto causem seus incommodidades, não deixam de ter algumas vantagens, porque, a constancia do frio no alto Barroso, faz com que elle seja menos sujeito ás intemperies que reinam, ordinariamente, nos paizes calidos; e tanto assim que seus habitantes são robustos, sadios, e de longa vida.

O baixo-Barroso comprehende todas as terras e povoações que estão menos sujeitas ao rigor dos gelos, a saber: o valle chamado Villar de Perdizes, e as povoações inferiores á serra de Larouco; o valle de Sapiaos e povoações subjacentes á serra do Pindo, Nogueira e Leirando; todo o valle por onde passa o rio Terra, inferior á serra de Boticas; o valle de Covas, abaixo da eminencia do Locanho, no cume da qual se acharam no seculo passado as duas estatuas que ladeiam a porta de entrada para o jardim botanico d'Ajuda; o valle de Canedo inferior á serra de Santa Comba; toda a margem do rio Tamega e logares proximos; e finalmente todas as povoações que ha desde o logar de Paradella até á ponte de Mizarella, entrando tambem os logares que estão nas abas da serra do Gerez.

Sobre a população de Barroso e causas que a diminuem, diz o auctor da memoria o seguinte:

Em todo o territorio de Barroso se nota, que desde setembro até março emigram, annualmente, mais de 400 homens, que vão occupar-se no Alemtejo, e outras provincias do reino, na feitoria do azeite. Póde asseverar-se que não ha um só homem de 14 annos para cima que não tenha saido fóra do concelho em procura de trabalho.

Egualmente se nota que muitos paes mandam seus filhos e parentes para o Brasil, com a ambição de adquirirem fóra da patria o que n'ella poderiam achar, trabalhando com a assiduidade a que os obrigam nas estranhas; tendo muitas vezes por fructo das suas viagens e fadigas mais ruina que proveito, além de ficarem as suas casas e bens sem cultores, entregues a velhos e mulheres, que não podendo cuidar bem da lavoira, a atrazam e arruinam, o que não aconteceria se seus filhos e parentes vigiassem de perto o que lhes pertence.

Os habitantes de Barroso, geralmente fallando, são pouco civilisados, e ao que naturalmente é obstinado custa muito fazer-lhe deixar seus antigos usos, que seguem machinalmente, a exemplo de seus visinhos, e antepassados. Como são bem constituidos, e nascidos em um clima aspero, acham seus prazeres em tudo o que póde agital-os, e pôr seus espiritos em movimento, como é a caça, as viagens, o vinho, etc.

Facilmente perdoam as injurias que se lhes fazem, tem poucos estimulos, porque a natureza os dotou de imaginação pouco viva; são soffredores de trabalhos, amantes da sua patria, e tanto, que tendo alguns sido bem favorecidos da fortuna em terras estranhas, e paizes remotos, vem acabar seus dias nos logares onde nasceram, sem que se lembrem do preterito, cogitando sómente em desfructarem os seus cabedaes apartados da sociedade, e até muitas vezes esquecidos de seus proprios visinhos.

Para outro numero, e á vista de desenhos que já possuimos de tão singular paiz, continuaremos a narrativa das suas peculiares condições, e dos costumes de seus habitantes.

COSTUMES POPULARES DO MINHO

III

Os camponezes do Minho são religiosos, mas não fanaticos. Não se podiam dar as durezas do fanatismo com a docilidade do seu caracter, nem com a suavidade dos seus costumes. São todavia muito supersticiosos, porque tudo quanto os cerca tende, como já expozemos, a exaltar-lhes a imaginação, e a derramar poesia em seus pensamentos.

Nascidos sob um ceo tão benigno; alentados por um sol tão ardente e brilhante; criados entre tantas bellezas naturaes; habituados a aquecerem-se no inverno á lareira, ouvindo narrar aos paes mil contos phantasticos, mil historias imaginosas; povoaram os valles de duendes, as encruzilhadas e as fontes sombrias de bruxas maldosas e escarnecedoras, e as grutas de feios lobis-homens. Dos templos arruinados fizeram sair em horas mortas medonhos phantasmas. Aos velhos castellos deram por senhor algum principe moiro, alli retido por encantamento em corpo e alma; ou cavalleiro christão de remotas eras, condemnado por seus peccados a penar dia e noite até á consummação dos seculos dentro e em torno d'aquellas carcomidas paredes; ou fada caprichosa, que se apraz em desvairar o caminhante, trocando-lhe por momentos as miserias da vida em sonhos doirados.

O Minho é a terra classica dos grandes feitos. Não ha alli, por assim dizer, um palmo de terra, nem uma pedra denigrida pelo tempo, que não recorde alguma acção illustre da vida de um santo, ou alguma façanha de nossos maiores, na defensa da independencia e liberdade da patria desde a dominação romana. Pois todas essas acções e façanhas são tradições populares, que todos ouvem na infancia, umas tão sómente adornadas de singelas galas da poesia, outras mais ou menos desfiguradas por ficções fabulosas. Porém, de qualquer modo que se adornem ou desfigurem, apresentam-se sob a fórma graciosa do romance.

É para sentir, que tão poeticas tradições, e tão lindos romances, que assim se vão transmittindo de geração em geração, não sejam colligidos e publicados para honra d'aquella provincia, e para lustre da litteratura portugueza.

IV

Tambem o Minho é a terra por excellencia dos sanctuarios celebres. Nenhuma outra das nossas provincias encerra tantos e tão venerandos pela antiguidade, pela fama dos milagres e pelas lendas da sua origem. Poucas são as cidades e villas que não tenham algum; e mesmo nos logares mais ermos, e sobre as serras mais escarpadas, se encontram muitas egrejas, ermidas e lapas, em que se veneram imagens santas de grande devoção popular.

Não faltam, portanto, as festividades religiosas celebradas annualmente com pompa e apparato. Não se passa um domingo, ou dia santificado, sem que se faça alguma funcção de estrondo n'um ou n'outro ponto da provincia. Pois seja qual for o sitio da festa, ameno ou inhospito, habitado ou solitario, transforma-se n'essas occasiões em uma grande povoação.

Os camponezes do Minho, meio impellidos pela devoção, meio excitados pelo desejo das diversões, sujeitam-se de bom grado a todo o genero de incommodos, e até de sacrificios, para assistirem a essas festividades.

E não se julgue que se limitam nas suas romarias a andarem algumas poucas legoas, e a perderem um ou dois dias de trabalho. Quando o caso o pede, isto é, quando a funcção se celebra em algum d'aquelles sanctuarios de maior nomeada, taes como o Bom Jesus do Monte, em Braga; S. Torquato, e Santa Marinha da Costa, junto a Guimarães; Nossa Senhora da Agonia em Vianna do Castello; o Senhor Jesus de Mattosinhos, proximo do Porto; Nossa Senhora da Abbadia, e outros ainda, precorrem ás vezes o espaço de vinte legoas e mais.

N'estas longas jornadas costumam ir a pé em grandes ranchos. De cada aldeia sáe uma tribu, que não se mistura com outras, nem na ida nem na volta. Caminha na frente a gente moça, vestida com o seu melhor fato domingueiro, e atraz vão os anciãos, levando as provisões para a viagem. As mulheres conduzem o fardel á cabeça em canastras ou trouxas; e os homens em cestos ou lenços pendurados dos cajados lançados ao hombro.

Vão os romeiros galhofando pela estrada mui alegremente, como quem váe para festa. À entrada das povoações a vanguarda dos mancebos e donzellas fórma danças e entoa cantigas, e bailando e cantando sem parar atravessa todo o povoado.

Os grandes arraiaes no Minho são como immensos theatros, onde se representam variadissimos espectaculos, que se accumulam, alternam-se e succedem-se sem interrupção no decurso do dia e da noite.

Permitte-se e executa-se alli todo o genero de folguedos e passatempos. Só o repouso parece prohibido n'aquelles logares. Quasi que se póde dizer que ninguem dorme em quanto dura a festa. Os romeiros, pela maior parte, não tem tecto que os abrigue, além d'essa formosa abobada que o Creador esmaltou de estrellas. Porém a terra sería para elles branda cama, se o espirito lhes consentisse descançarem o corpo.

De manhã celebra-se a funcção religiosa, e á noite crepitam as fogueiras e estala o fogo de vistas. No resto do tempo canta-se e baila-se para um lado, e come-se e bebe-se para outro. Aqui trava-se em sonoro descante um desafio; alli agrupam-se em torno de um carro com sua pipa de vinho, tudo enramado de verdura, os que vão pedir a Baccho novas fôrças para folgarem.

Agora rompe no arraial uma alegre musica, que de longe se annuncia por continuados foguetes, e que váe alvoroçando e levando comsigo a juventude.

Logo chega uma *ronda*, a que nós cá chamâmos um cirio, precedida por um guião de damasco rôxo, e lá entra no templo a entoar louvores ao Senhor. Após esta vem outras, e em todas, mais ou menos, figuram mulheres trajando vestuarios de phantasia, que pedem emprestados nas cidades e villas, e que em muitas casas se conservam e guardam com esse destino. Alli apparecem então sáias de nobreza do seculo passado, ás quaes o tempo destruidor roubou as côres ou cobriu de manchas, e chapeos de todas as eras e feitios, desde o principio do seculo actual.

Estas rondas trazem sempre uma ou mais *estimadonas*, nome com que os camponezes designam as mulheres abastadas das suas aldeias, que vivem com mais algum conforto. Trajam as estimadonas vestido de amasona, de panno, ordinariamente azul ferrete, e chapeo de homem, de copa alta, algumas vezes enfeitado com sua pluma preta. Ostentam, porém, umas e outras custosos ornatos de oiro. Tal se apresenta, que póde fazer pesar por kilogrammas o oiro que lhe pende das orelhas em longas arrecadas, do collo em compridos e grossos cordões, com suas imagens macissas, e do peito em grandes cruzes, ou enormes corações de filagrana.

Mas o que n'estas occasiões mais captiva a attenção, e mais encanta os olhos, é a diversidade e belleza dos trajos populares, os das mulheres sómente, porque os dos homens são desengraçadissimos. Essa reunião, pois, de vestuarios tão differentes, e muitos d'elles tão elegantes, e de côres tão garridas, produz um effeito pittoresco e theatral, que só de per si constitue um espectaculo maravilhoso.

E a isto ainda devemos acrescentar, que sob o talhe gracioso dos vestidos, se desenham muitas vezes as fórmas gentis de um corpo verdadeiramente esbelto, e coroado por um rosto, que poderia servir de typo do bello aos estatuarios da antiga Grecia.

A gravura, que acompanhou a primeira parte d'este artigo, representa dois camponezes das cercanias de Barcellos, perfeitamente retratados no proprio logar pelo desenhador, por occasião de uma viagem artistica que fez ao Minho.

Não é por certo o concelho de Barcellos dos que mais se distinguem na graça e belleza dos trajos populares femininos. A muitas outras terras d'aquella provincia damos a este respeito assignalada preferencia. Todavia não é falto de elegancia o vestuario das barcellenses.

O corpete de panno azul ferrete, ou escarlate, contrastando com a alvura das largas mangas da camisa, cujo peitilho se guarnece de rendas até afogar o pescoço; o lenço branco que lhes circúnda a cabeça, com duas pontas atadas sobre a nuca, e as outras soltas; as duas tranças do cabello que lhes cáem sobre os hombros até á cintura; as arrecadas que lhes pendem das orelhas, e os cordões, com suas cruzes e corações de filagrana de oiro, que lhes adornam o collo e o peito; a curta sáia, orlada de um folhinho, e com seu pequeno avental; as meias listadas, e os chinellos com suas guarnições de fitas de veludilho preto e côres claras, dão ás camponezas barcellenses um certo aspecto dos costumes gregos que muito bem lhes vae.

I. de Vilhena Barbosa.

Perguntam os theologos se Adão pela desobediencia perdeu o ser que tinha de imagem de Deus? E respondem geralmente que não, porque não perdeu a memoria, entendimento e vontade, no que consistia a similhança de Deus, trino e uno, a que o mesmo Deus o tinha creado.

Padre Antonio Vieira.

ENIGMA

